

## Violência de Gênero em Ambientes Digitais na Arte<sup>1</sup>

Alessandra Lucia Bochio <sup>2</sup>

### Resumo expandido:

Este trabalho é resultado de discussões iniciadas no Grupo de Pesquisa Estudos e Práticas Feministas na Arte, coordenado por mim e cujas participantes são pesquisadoras e estudantes da área das artes visuais, que concentram parte da sua produção no cruzamento destas com as tecnologias digitais. De modo geral, o GP busca investigar as relações entre arte e política, refletindo de que modo essas duas práticas têm se entrelaçado na atualidade e quais consequências são possíveis de serem extraídas especialmente para o campo das artes. De maneira específica, enfoca nos debates atuais gerados por teorias feministas, principalmente interseccionais, e decoloniais para se debruçar sobre uma produção artística atual feita por pessoas, que são, conforme Preciado, “inevitavelmente *excêntrico[s]*, não coincide[m] [necessariamente] com ‘as mulheres’, mas se apresenta[m] como força de deslocamento, uma prática de transformação da subjetividade” (Preciado, 2018, pp. 118).

Para este trabalho, optou-se por concentrar-se na temática das violências de gênero em ambientes digitais, com o objetivo de refletir sobre os modos como determinadas práticas artísticas são atravessadas por essas e como os feminismos possibilitam aportes significativos para pensar outras escritas e narrativas. Interessa, com isso, refletir sobre as tecnologias digitais, o gênero e suas interseccionalidades como marcadores para a produção de práticas artísticas contemporâneas.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Eixo 11 – Tecnologias digitais, gênero e diversidade do XVI Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. Universidade Federal de Santa Maria/RS, realizado nos dias 27 de novembro a 01 de dezembro de 2023.

<sup>2</sup> Doutora em Artes Visuais, professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e-mail: [alessandra.bochio@ufrgs.br](mailto:alessandra.bochio@ufrgs.br).

Para Rita Segato (2022), as violências de gênero são um fenômeno estrutural, característico de um sistema patriarcal, capitalista e colonial. São, para ela, antes de tudo enunciado – ato performativo –, direcionado a alguém e atuam para regulação de poder. Neste sentido, a autora propõe a violência de gênero como resultado de dois eixos intercruzados. Um vertical, estabelecido por meio da relação entre a vítima e seu agressor, a partir de um posicionamento de subordinação, opressão e apropriação de corpos. Nas palavras dela, “o estupro é o sujeito patriarcal que punirá o colocará as mulheres em seu devido lugar, e o estupro é um ato que prende as mulheres a seus corpos como sinal de uma posição inescapável, de um destino silenciado. É um ato moralizante, disciplinador do estupro em relação à mulher violentada” (Segato, 2022, p. 14). E outro eixo horizontal, fruto da relação do agressor com seus pares, os outros homens, inserindo-os como interlocutores da violência, dentro de uma corporação masculina. A figura do homem é tida aqui como historicamente construída, como um sujeito universal constituído durante o humanismo, para se tornar o exemplo de humanidade e detentor do modo hegemônico e colonial de masculinidade, projetada na raça branca, na cisgeneridade e na heterossexualidade.

Assim, Segato defende a dessexualização ou a remoção da libido da violência de gênero para evidenciá-la “como um crime de poder, de apropriação, de controle territorial, à medida que ela é também um controle sobre corpos” (Segato, 2022, p. 20). Deste modo, a violência está relacionada à “adesão à modernidade-colonial, com sua transição rumo à estrutura binária de anomalização, minorização e marginalização das diferenças a partir de um centro que relega seus outros à condição de minorias residuais em relação ao sujeito universal” (Segato, 2022, p. 16).

Se a violência de gênero, conforme Segato, está estritamente relacionada a uma ordem social vigente, fruto da modernidade-colonial, essas relações de poder patriarcais se estendem ao mundo digital online, estabelecendo um continuum entre os ambientes on e off-line (Valente, 2023). Afinal, estamos vivenciando um momento em que as tecnologias digitais

impregnaram parte significativa de nossa vida, dominando as comunicações pessoais e avançando em objetos cotidianos dos mais diversos, tornando uma tarefa árdua a diferenciação dos espaços físico e informacional, no e off-line.

Contudo, essas tecnologias tendem a ser tratadas em contextos nos quais o conhecimento e os corpos dos sujeitos são neutros e universais, aproximando-se das falsas noções de transparência e naturalização, como se as tecnologias não produzissem efeitos decisivos em nossas vidas e em nossa percepção. Tal fato, gera a sensação de inevitabilidade e facilita a imposição e a perversidade delas em nosso cotidiano. A interseccionalidade nos ajuda a entender que o modo como enxergamos o mundo é resultado das nossas experiências, assim como daqueles que constituem a infraestrutura global tecnológica. São eles que visibilizam e constroem o funcionamento das tecnologias e suas infraestruturas a partir de saberes, corpos, culturas, geografias, políticas e interesses específicos.

Com isso, parto do entendimento, com Graciela Natansohn e Susana Morales (2022), que a violência de gênero em ambientes digitais é propiciada pelo modelo de negócios que tais ambientes foram constituídos. Para as autoras, “[...] a mercantilização geral e a coisificação da vida [...] materializam-se na Internet mediante o funcionamento de uma economia psíquica dos algoritmos cujo funcionamento é pouco claro, mas permite e estimula a monetização do ódio (e de todas as emoções) como modelo de negócio do ecossistema digital, amalgamado ideologicamente pela misoginia-racista de nossa formação nacional-colonial-capitalista-patriarcal” (Natansohn; Morales, 2022, p. 122).

Para Max Fisher (2023), as plataformas e aplicativos interferem em nossa percepção de mundo, pautando o modo como fazemos amizades, como conseguimos emprego e de modo geral como a humanidade interage na atualidade. Conforme o autor, estes têm a função de persuadir comportamentos, transformando as pessoas em consumidores, aliciando-as a mudar o seu comportamento para servirem ao lucro. “Muito após o potencial danoso da sua tecnologia vir à tona, as empresas viriam a dizer que apenas servem aos desejos dos usuários,

que nunca moldam nem manipulam. Mas a manipulação está embutida nos produtos deste o princípio” (Fisher, 2023, p. 37).

As noções propostas por Segato a respeito da violência de gênero nos auxiliam na compreensão desta última em ambientes digitais ao observarmos a própria estrutura das plataformas digitais. Nelas, é possível performar uma masculinidade por meio da agressão, ao mesmo tempo que se mostra, se conecta e se legitima socialmente aos seus pares, que podem manifestar seu apoio. Além disso, “certas particularidades da situação de enunciação em redes digitais potencializam as agressões: o anonimato dificulta a localização e favorece a impunidade; a replicabilidade, a quantidade e a visibilidade das mensagens, a itinerância [...], a exposição das mensagens em múltiplas plataformas, e a permanência e a durabilidade das mensagens prolongam e multiplicam as agressões em forma algorítmica” (Natansohn; Morales, 2022, p. 119).

Sob esse prisma, as artistas nos ajudam a desvelar e a descortinar os significados da dominação patriarcal presentes em nosso cotidiano. Percebemos a importância do espaço de fala e de escuta de sujeitos social e historicamente silenciados. Nas artes, foi a partir de 1960 que vimos cada vez mais artistas apropriarem-se de seus corpos e das tecnologias de sua época para denunciar a violência de gênero. E hoje não é diferente, nos auxiliam a pensar sobre o impacto das tecnologias na vida das pessoas e de maiorias minorizadas de maneira geral.

Para este trabalho, partirei de dois eixos de pensamento: o primeiro relativo aos modos como as práticas artísticas estão atravessadas pelos feminismos; e o segundo como os feminismos trouxeram aportes significativos para refletir sobre modos diversos de pensar e produzir arte. Enquanto o primeiro diz respeito ao rompimento com uma lógica abstrata, universal e descorporificada, e, portanto, ao sujeito universal, o segundo lança mão de epistemologias e conhecimentos corporificados para propor a arte como forma de compartilhar experiências e por e com isso constituir outros discursos – diferentes daqueles hegemônicos – embasados

na lógica interseccional. Ou seja, fundamentada em corpos marcados pelas opressões interseccionais e pelas experiências de violência que vivenciam cotidianamente.

Pretende-se ainda abordar as noções de feminismo interseccional e interseccionalidade, principalmente por meio de Patrícia Hill Collins e Sirma Bilge (2021), compreendendo como esses termos são articulados em uma produção artística contemporânea. Ao mesmo tempo que o feminismo interseccional une diferentes pautas políticas, marca os diversos lugares de vivências de seus sujeitos, rompendo com uma noção universal de mulher e apontando para a experiência vivida como forma de produção de conhecimento. Assim, parte-se da lógica interseccional para a produção artística contemporânea, inserindo-a nos debates do campo das artes visuais para pensar a obra artística como uma prática crítica, que recolhe das ações da vida cotidiana o conhecimento adquirido e devolve como forma de compartilhar experiências e refletir sobre a violência de gênero online. Essa prática entende, conforme Collins e Bilge (2021), que pensar e fazer, teoria e ação, estão intrinsecamente relacionados e se moldam mutuamente.

Isso me parece especialmente interessante, pois reflete questões próprias do campo arte: em primeiro lugar, entendendo-o atravessado por outros campos do saber, conforme a própria arte contemporânea já vem sinalizando; e, em segundo, o próprio fazer artístico como produção de conhecimento, que se dá, no caso deste trabalho, a partir da experiência de artistas com a violência de gênero. Que a arte, ou mais precisamente, a obra artística é fruto da experiência da própria artista, isso já é dado. Para mim, a compreensão da experiência vivida como forma de produção de conhecimento, pela chave do feminismo negro interseccional, contribui para auxiliar-nos, e muito, a ampliar o seu campo conhecimento e compreendendo-a a partir de um conhecimento corporificado. Mais do que isso, os trabalhos artísticos como produtor de conhecimento justamente porque são realidades vividas.

### **Referências:**

COLLINS, P. H.; BILGE, S. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.

FISHER, M. **A máquina do caos**: como as redes sociais reprogramam nossa mente e nosso mundo. São Paulo: Todavia, 2023.

NATANSOHN, G.; MORALES, S. As estruturas elementares da violência digital de gênero. BARBOSA, B.; TRESKA, L.; LAUSCHNER, T. (orgs.). **TIC, governança da internet e gênero**: tendências e desafios. São Paulo: Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR, 2022.

PRECIADO, P. **Texto Junkie**. Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SEGATO, R. **Cenas de um pensamento incômodo**: gênero, cárcere e cultura em uma visada decolonial. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

VALENTE, M. **Misoginia na internet**: uma década de disputa por direitos. São Paulo: Fósforo, 2023.

**Palavras-chave:**

Arte; Violência de gênero; Tecnologias digitais; Interseccionalidade.